XENÓ LITOS

Fragmento de rocha preexistente, envolvido
numa rocha magmática.

QUATRO POEMAS DE NICANOR PARRA¹

— INTRODUÇÃO E TRADUÇÃO DE JOÃO GABRIEL MOSTAZO LOPES

[1] Os três primeiros poemas aqui apresentados integram o livro *Versos de Salón* (*Versos de Salón*, no original), publicado por Parra no Chile, em 1962. O livro foi traduzido na íntegra como parte do trabalho de Monografia para obtenção do título de Bacharel em Estudos Literários, pelo Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Unicamp, em 2014, e permanece inédito no Brasil. O último poema, “O poeta e a morte” (“El poeta y la muerte”), foi publicado originalmente no Chile em 1985, em *Hojas de Parra*.

Nicanor Parra (Chile, 1914), o autodenominado antipoeta, é um dos autores latino-americanos mais importantes hoje, e certamente, aos 102 anos, o maior poeta chileno vivo. Agraciado em 2011 com o Prêmio Cervantes, o mais prestigioso da literatura de língua espanhola, sua obra, largamente influente no mundo hispano-americano, permanece virtualmente desconhecida do público brasileiro, em razão, sobretudo, da sua precária penetração no nosso mercado editorial. À parte alguns poemas recolhidos em uma antologia publicada em 2009, em uma parceria entre as academias brasileira e chilena de Letras, e uma ou outra tradução publicada de maneira dispersa em blogs e revistas online, os antipoemas nunca foram, na sua grande maioria, vertidos para o português.

O termo *antipoesia* não foi inventado por Parra, tendo aparecido na própria literatura chilena já nas primeiras décadas do século passado, na poesia de Vicente Huidobro. Não obstante, a ideia da antipoesia como um projeto poético consistente, que se lança ao mesmo tempo contra a lírica tradicional e as vanguardas, foi elaborada pela primeira vez na obra de Nicanor. Lançando mão de um expediente altamente irônico e humorístico, a antipoesia de Nicanor Parra procura contrapor às vozes empostadas da poesia tradicional, a fala cotidiana; à alta cultura, a cultura popular; às Letras, a vida.

Físico, matemático, professor de Mecânica Racional e irmão mais velho da cantora Violeta Parra, Nicanor publicou seu primeiro livro de poesia, *Cancionero sin nombre*, em 1937. Escrita sob a influência do poeta espanhol Federico Garcia Lorca e do surrealismo francês, a coletânea

venceu o prêmio municipal de poesia de Santiago, e foi o bastante para colocar o nome do jovem poeta entre os mais promissores escritores chilenos do período. Foi no entanto em 1954, com a publicação de *Poemas y Antipoemas*, que a obra de Parra adquiriu relevância internacional, com as primeiras traduções para o inglês já nos anos seguintes. Em 1962, saiu em Santiago *Versos de Salón*, livro no qual foram publicados três dos poemas aqui traduzidos. O quarto, “El poeta y la muerte”, apareceu em *Hojas de Parra*, de 1985. Em 2006, as suas *Obras completas & algo* + saíram pela editora Gutemberg, de Barcelona, em grande parte graças ao esforço e à insistência do seu conterrâneo Roberto Bolaño, um dos maiores entusiastas do antipoeta. Ao longo dos últimos sessenta anos, a obra de Nicanor atravessou diversas fases, do verso livre ao decassílabo e aos poemas visuais, da poesia ecológica aos discursos de honraria e à tradução antipoética do *Rei Lear* de Shakespeare, sob o título de *Lear Rey & Mendigo*.

Quanto à tradução, a poesia de Parra impõe dificuldades particulares. A linguagem popular pode sugerir que traduzi-la seja uma tarefa relativamente simples, e em verdade muitas vezes é, quando os versos, pela proximidade dos idiomas, encontram correspondentes praticamente exatos em português. No entanto, não raro Parra lança mão de expressões idiomáticas típicas das culturas populares ou marginalizadas chilenas. O tradutor que não estiver atento a isso certamente passará por cima de muitas delas, traduzindo-as literalmente, mas perdendo o sentido original. É o caso de “*meterme en camisa de once varas*”, do poema “Advertência”, que traduzido literalmente não faria sentido para o leitor do português (seria algo como “vestir uma camisa de dez metros” – “vara” é uma unidade de medida; uma vara tem aproximadamente 84 centímetros), mas cuja expressão correlata, pela qual optei, poderia ser “morder mais do que posso mastigar”. Outra questão ainda, central em parte da obra de Parra, é a métrica. Em *Versos de Salón* o decassílabo é o metro predominante, como se vê nos poemas aqui traduzidos (à exceção de “O poeta e a morte”) Seria um equívoco, no entanto, supor que o uso do verso de dez sílabas, tradicionalmente considerado o mais elevado dos metros, se dá de maneira tradicional. Parra, ao contrário, alcança um feito extraordinário ao realizar em decassílabos uma poesia efetivamente falada. A expectativa poética e a realização antipoética no uso do verso mais canônico e tradicional da língua foi descrita pelo autor como “um cálice grego cheio de merda”². A propósito do decassílabo, Parra declarou certa vez ser o representante da “fala mais sofisticada da burguesia moderna”, em oposição às redondilhas maiores do verso popular medieval. Ainda segundo Parra, a passagem histórica entre um metro e outro se anuncia

[2] Citado a partir da referência de Liz Werner, na introdução à sua tradução dos antipoemas.

[3] Embora em espanhol a metrificação se dê da mesma maneira que em português (isso é, em sílabas, e não, por exemplo, em pés), para dar nome ao metro considera-se a última sílaba, mesmo que ela não seja tônica (o que não fazemos em português). Assim, o que chamamos de heptassílabo (sete sílabas), em espanhol se diz *octasílabo* (oito), e o nosso decassílabo (dez) diz-se em espanhol *endecasílabo* (onze sílabas); trata-se, no entanto, da mesma coisa.

[4] Trecho citado por Niall Binns, na introdução das *Obras Completas & algo +*.

nas primeiras palavras do *Dom Quixote*: “*En un lugar de la Mancha...*” (sete sílabas³) “*...de cuyo nombre no quiero acordarme*” (dez sílabas). “Se não uso o decassílabo”, declarou Parra, “estou renunciando a não menos que a coluna vertebral da linguagem, do idioma espanhol”⁴.

LA POESÍA TERMINÓ CONMIGO

*Yo no digo que ponga fin a nada
No me hago ilusiones al respecto
Yo quería seguir poetizando
Pero se terminó la inspiración.
La poesía se ha portado bien
Yo me he portado horriblemente mal.*

*Qué gano con decir
Yo me he portado bien
La poesía se ha portado mal
Cuando saben que yo soy el culpable.
¡Está bien que me pase por imbécil!*

*La poesía se ha portado bien
Yo me he portado horriblemente mal
La poesía terminó conmigo.*

A POESIA TERMINOU COMIGO

Eu não digo que ponha fim a nada
Não me faço ilusões a esse respeito
Eu queria seguir poetizando
Mas acabou-se toda a inspiração.
A poesia se comportou bem
Eu me portei horivelmente mal.

O que ganho em dizer
Eu me comortei bem
A poesia se comportou mal
Quando sabem que sou eu o culpado.
Não me importa passar por idiota!

A poesia se comportou bem
Eu me portei horivelmente mal.
A poesia terminou comigo.

VERSOS SUELTOS

*Un ojo blanco no me dice nada
Hasta cuándo posar de inteligente
Para qué completar un pensamiento
¡Hay que lanzar al aire las ideas!
El desorden también tiene su encanto
Un murciélago lucha con el sol:
La poesía no molesta a nadie
Y la fucsia parece bailarina.*

*La tempestad si no es sublime aburre
Estoy harto del dios y del demonio
¿Cuánto vale ese par de pantalones?
El galán se libera de su novia
Nada más antipático que el cielo
Al orgullo lo pintan de pantuflas:
Nunca discute el alma que se estima.
Y la fucsia parece bailarina.*

*El que se embarca en un violín naufraga
La doncella se casa con un viejo
Pobre gente no sabe lo que dice
Con el amor no se le ruega a nadie:
En vez de leche le salía sangre
Sólo por diversión cantan las aves.
Y la fucsia parece bailarina.*

*Una noche me quise suicidar
El ruiseñor se ríe de sí mismo
La perfección es un tonel sin fondo
Todo lo transparente nos seduce:
Estornudar es el placer mayor
Y la fucsia parece bailarina.*

*Ya no queda muchacha que violar
En la sinceridad está el peligro
Yo me gano la vida a puntapiés
Entre pecho y espalda hay un abismo
Hay que dejar morir al moribundo:*

*Mi catedral es la sala de baño
Y la fucsia parece bailarina.*

*Se reparte jamón a domicilio
¿Puede verse la hora en una flor?
Véndese crucifijo de ocasión
La ancianidad también tiene su premio
Los funerales sólo dejan deudas:
Júpiter eyacula sobre Leda
Y la fucsia parece bailarina.*

*Todavía vivimos en un bosque
¿No sentís el murmullo de las hojas?
Porque no me diréis que estoy soñando*

*Lo que yo digo debe ser así
Me parece que tengo la razón
Yo también soy un dios a mi manera
Un creador que no produce nada:
Yo me dedico a bostezar a full
Y la fucsia parece bailarina.*

VERSOS SOLTOS

Um olho branco não me diz nada
Até quando posar de inteligente
Para quê completar um pensamento.
Tem que lançar as ideias ao ar!
A desordem também tem seu encanto
Um morcego luta contra o sol:
A poesia não incomoda ninguém
E a fúcsia parece bailarina.

A tormenta que não é sublime é chata
Estou farto do deus e do demônio
Quanto custa este par aqui de calças?
O galã se livra da namorada
Nada mais antipático que o céu
O orgulho é pintado de pantufas:
Nunca discute a alma que se estima.
E a fúcsia parece bailarina.

Quem embarca num violino naufraga
A donzela se casa com um velho
Pobre gente não sabe o que diz
Com amor não se implora a ninguém:
Em vez de leite lhe saía sangue
Só por diversão que cantam as aves.
E a fúcsia parece bailarina.

Uma noite dessas quis me matar
O rouxinol sabe rir de si mesmo
A perfeição é um saco sem fundo
Tudo o que é transparente nos seduz:
Espirrar é o maior prazer que há
E a fúcsia parece bailarina.

Já não resta garota pra violar
Na sinceridade mora o perigo
Eu ganho a minha vida a pontapés
Entre o peito e as costas há um abismo
Tem que deixar morrer o moribundo:

O banheiro é a minha catedral
E a fúcsia parece bailarina.

Entrega-se presunto a domicílio
Dá para ver as horas numa flor?
Vende-se crucifixo a ocasião
A velhice também tem o seu prêmio
Os funerais só nos deixam em dívida:
Júpiter ejacula sobre Leda
E a fúcsia parece bailarina.

Nós ainda vivemos em um bosque
Não escutas o murmúrio das folhas?
Por que não me dirias que isto é um sonho?
O que eu digo deve ser assim
Aparentemente eu tenho razão
Eu também sou um deus à minha maneira
Um criador que não produz nada:
Eu me dedico a bocejar inteiro
E a fúcsia parece bailarina.

ADVERTENCIA

*Yo no permito que nadie me diga
Que no comprende los antipoemas
Todos deben reír a carcajadas.*

*Para eso me rompo la cabeza
Para llegar al alma del lector.*

*Déjense de preguntas.
En el lecho de muerte
Cada uno se rasca con sus uñas.*

*Además una cosa:
Yo no tengo ningún inconveniente
En meterme en camisa de once varas.*

ADVERTÊNCIA

Eu não permito a ninguém me dizer
Que não compreende os antipoemas
Todos devem rir, e de gargalhadas.

Pra isso eu vivo quebrando a cabeça
Para chegar à alma do leitor.

Deixem de perguntas.
No leito de morte
Cada um que se coce com suas unhas.

E além disso, uma coisa:
Não é pra mim inconveniente algum
Morder mais do que eu posso mastigar.

EL POETA Y LA MUERTE

*A la casa del poeta
llega la muerte borracha
ábreme viejo que ando
buscando una oveja guacha*

*Estoy enfermo - después
perdóname vieja lacha*

*Ábreme viejo cabrón
¿o vai a mohtrar l'hilacha?
por muy enfermo quehtí
teníh quiafilame l'hacha*

*Déjame morir tranquilo
te digo vieja vizcacha*

*Mira viejo dehgraciao
bigoteh e cucaracha
anteh de morir teníh
quechame tu güena cacha*

*La puerta se abrió de golpe:
Ya - pasa vieja cufufa
ella que se le empelota
y el viejo que se lo enchufa.*

O POETA E A MORTE

Chega à casa do poeta
a morte bamba de cachaça
abre, velho, eu tô danada
atrás de uma cabra macha.

Estou doente – vem depois
perdoa puta velhaca

Me abre véio cornudo
ou vai ter briga dispada?
doença niuma nesse mundo
te escapa afilar mia vara

Me deixa morrer tranquilo
te falo velha safada

Óia véio desgraçado
bigode de cucaracha
antes de morrer cê tenque
me dá ua boa currada

A porta se abriu num golpe:
Vai – entra velha da grela
ela se descasca e agacha
e o velho se agasalha nela

JOÃO GABRIEL MOSTAZO LOPES – Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Teoria Literária e Literatura Comparada pela FFLCH-USP.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BINNS, Niall. “Introdução”. In: PARRA, Nicanor. *Obras Completas & algo +*. Barcelona: Gutenberg, 2006.

PARRA, Nicanor. *Antipoems - how to look better & feel great*. Trad. Liz Werner. Nova York: New Directions, 2004.

_____. *Hojas de Parra*. Santiago: Ediciones Ganymedes, 1985.

_____. “Versos de Salón”. In: *Obras Completas & algo +*. Barcelona: Gutenberg, 2006.